

## **SESSÃO DE ABERTURA**

Discurso do Presidente do Conselho Nacional de Educação

Mensagem de Sua Excelência o Presidente da República

Discurso de Sua Excelência o Secretário de Estado dos Ensinos  
Básico e Secundário



## **DISCURSO DO PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**

Exm<sup>o</sup> Senhor

Secretário de Estado dos Ensinos Básico e Secundário,

Dr. Joaquim Azevedo, em representação do Senhor Ministro da  
Educação

Senhor Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian,

Dr. Victor Sá Machado

Senhora representante do Senhor

Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional,

Dr<sup>a</sup> Maria Cândida Soares

Senhor Secretário-Geral do Conselho Nacional de Educação,

Dr. Emílio Pires

Senhores Membros do Conselho Nacional de Educação,

Senhores Participantes e Convidados,

Meus Queridos Amigos

1. Em primeiro lugar quero dar as boas vindas a todos os participantes a este Seminário e agradecer o facto de terem aceite o nosso convite o que muito nos honra.

O CNE é um organismo independente e autónomo onde estão representados vastos sectores e organizações da sociedade civil com

particular relevância para os principais protagonistas da acção educativa.

A Educação e a Formação são sectores de prioridade indiscutível no âmbito do processo de evolução e desenvolvimento das sociedades modernas, pelo que o Conselho, consciente da enorme responsabilidade que sobre si pesa como órgão de reflexão e de identificação de consensos sobre as grandes linhas e as políticas que orientam o processo Educação/Formação, decidiu realizar este Seminário cuja ideia original pertence ainda ao primeiro Presidente do Conselho Nacional de Educação, o Prof. Mário Pinto, e cuja organização se deve à capacidade, ao trabalho, e empenhamento do Senhor Secretário-Geral do Conselho, Dr. Emílio Pires, bem como a todo o staff que com ele colabora nos trabalhos do Conselho.

O Seminário que hoje se inicia e que se deverá desenrolar nestes dois dias tem como objectivo fundamental contribuir para o debate sobre as questões da educação com um conjunto de ideias e de propostas que poderão vir a constituir temas de reflexão e de estudo não apenas para o Conselho, mas também para os intervenientes principais do processo educativo ou seja as escolas, os pais, os professores, os órgãos da administração central, o governo, as autarquias, os estudantes, as universidades, os politécnicos, as organizações patronais, etc.

2. O Seminário está estruturado de acordo com uma lógica que assenta nos seguintes pressupostos e argumentos fundamentais:

1º. A Educação e a Formação não são sistemas fechados pelo que devem dialogar com a realidade social e económica envolvente. Tal

facto, leva-nos a incluir no Seminário uma sessão que se pretende como um desafio feito à Educação a partir do exterior, ou seja, tendo a sua origem, neste caso, no mundo da actividade económica e empresarial;

2º. A integração na comunidade trouxe ao sistema educativo português uma nova dimensão cuja importância se traduz pelo aparecimento de novos desafios e novas perspectivas sobretudo nas áreas em que a nível europeu se vêm adoptando programas de acção comuns ou em que é previsível que, no futuro próximo, venham a ser definidas políticas sectoriais destinadas a consolidar a coesão europeia e a reforçar a competitividade externa da Europa face aos EEUU e ao Japão; esta razão que justifica o convite que endereçámos à Task-Force da Comissão para apresentar no Seminário uma perspectiva sobre a dimensão europeia da Educação e da Formação.

3º. Em Portugal tem vindo a ser introduzido no sistema Educação/Formação um conjunto muito vasto de modificações das estruturas e metodologias de actuação cujas repercussões nos médio e longo prazos importa analisar numa perspectiva de desenvolvimento do próprio sector mas que, não se esgotando neste, se traduzem por um impacto real nas diversas vertentes que configuram o processo de evolução e desenvolvimento da sociedade no seu conjunto.

Tal facto conduziu-nos a dedicar uma das sessões do Seminário à apreciação, discussão e análise de uma conferência sobre planeamento da acção educativa em Portugal.

4º. A completar esta série de conferências e de debates sobre grandes áreas de reflexão, o seminário inclui dois painéis destinados a

abordar, respectivamente, a questão da formação dos quadros e a evolução do sector educativo, sendo este entendido numa perspectiva pedagógica e científica do processo ensino/aprendizagem.

Trata-se, indiscutivelmente, de duas áreas de importância que penso deverão merecer o interesse e a atenção de muitos participantes.

3. A reflexão, o trabalho e o debate que vos propomos para estes dois dias, insere-se na preocupação sentida pelo Conselho, e por mim expressa no acto da minha tomada de posse, quanto à relevância que se atribui à sua abertura ao exterior e ao estabelecimento de uma relação franca e aberta com todos os protagonistas do processo educativo, com o objectivo de encontrar consensos positivos sobre temas fundamentais e formas comuns de abordar as grandes questões com que se debatem o sistema educativo e os seus intervenientes principais.

4. Esta abertura e esta troca de informação e de pontos de vista destina-se sobretudo a proporcionar ao Conselho e a todas as outras instituições envolvidas no sistema uma melhor compreensão da realidade envolvente e do próprio sector tendo em vista, não o processo de decisão, que no que respeita ao Conselho lhe é completamente exterior, mas prioritariamente o enriquecimento da análise e do debate realizados no seu seio dentro do quadro de atribuições que por força da lei lhe estão cometidas.

#### 5. Minhas Senhoras e Meus Senhores

A complexidade dos problemas gerados pela internacionalização das sociedades de onde não se exclui, naturalmente, o sector educativo,

constituem um desafio que Portugal deve encarar com grande seriedade e mobilizando os recursos e as capacidades de que dispõe.

Neste contexto a actividade de reflexão e aprofundamento das questões relacionadas com a educação deve corresponder ao passo inicial e decisivo que enforma e orienta as várias fases e componentes da acção educativa, ou seja, da concepção à execução, das logísticas às metodologias, dos conteúdos à avaliação e da articulação e coerência internas às relações com o exterior.

O Seminário que agora se realiza constitui para o Conselho um momento em que, sobre a realidade que todos vivem e conhecem, se poderá proceder a uma abordagem dirigida à identificação das grandes áreas de preocupação e de intervenção para que importa interessar os intervenientes no processo sejam estes os professores, os estudantes, os pais, as instituições ou os próprios responsáveis pela definição e execução das políticas para o sector.

6. Tenho para mim que em todos os seminários os seus organizadores pretendem não só equacionar problemas mas sobretudo resolver todas as questões, nacionais e europeias quiçá planetárias, o que decorre de uma vontade indómita que a todos nos assalta quando queremos contribuir para a melhoria do estado das coisas. No caso deste nosso Seminário, procurarei ser modesto e não cair nessa tentação, mas confesso que ficarei muito satisfeito se conseguirmos pelo menos resolver alguns dos problemas planetários. Quanto aos nacionais, certamente mais complexos, porque os conhecemos melhor, as soluções deverão ficar para mais tarde.

7. Senhor Secretário de Estado dos Ensinos Básico e Secundário,  
Dr. Joaquim Azevedo  
Senhora Dr<sup>a</sup> Maria Cândida Soares, representante do  
Senhor Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional

Permitam-me que de forma muito especial cumprimente V.Exas e lhes agradeça muito reconhecidamente em nome do Conselho terem aceite o nosso convite para participar nesta sessão de abertura. A presença de V.Exas tem para nós um significado muito próprio dado o papel e a importância que os Ministérios da Educação e do Emprego representam no contexto do sistema Educação/Formação em Portugal.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para expressar a V.Exas o nosso maior empenhamento em manter com todas as estruturas governamentais um diálogo aberto e franco que permita aprofundar as relações institucionais e, sobretudo, que contribua para a relevância do trabalho produzido pelo Conselho.

O Conselho Nacional de Educação, como órgão autónomo, só poderá valorizar-se se souber dialogar e se, com esse diálogo, for capaz de apoiar políticas e de ajudar a encontrar novas soluções. Não significa isto propugnar por um Conselho demasiado interventor ou, pelo contrário, por um Conselho seguidista das posições assumidas por outros órgãos da administração. A independência de que o Conselho goza traz-nos especiais responsabilidades, sobretudo quando se pretende colocar esta independência ao serviço da Educação e do processo educativo produzindo um trabalho de qualidade e que constitua base de reflexão para quem legisla e para quem decide. Tem

sido o que temos procurado fazer e que asseguro a V.Exas procuraremos continuar a fazer no futuro próximo.

8. Senhor Dr. Victor de Sá Machado,  
Meu Excelentíssimo Amigo

A Fundação Calouste Gulbenkian constitui um dos mais fortes entrepostos da sociedade civil em Portugal e é seguramente uma referência fundamental para a Educação no nosso País.

Permita-me, Senhor Administrador, que para além de agradecer em nome do Conselho o acolhimento que a Fundação nos quis prestar aproveite também esta ocasião para cumprimentar V.Exa., e expressar o reconhecimento de todos nós pela acção desenvolvida pela Fundação no campo da Educação e, ao mesmo tempo, pedir-lhe que faça prosseguir a acção desta Instituição na área da Educação através do seu contributo para a criação de condições que permitam melhorar qualitativamente o Sistema Educativo e o seu funcionamento.

O Conselho manifesta desde já o seu interesse em poder colaborar com a Fundação, desde que assim Vossas Excelências o entendam conveniente e útil, em todas as iniciativas que queira tomar no campo da reflexão sobre os problemas educativos e desde que estas se insiram nas funções e nas competências que lhe estão confiadas.

Resta-me uma palavra final para manifestar o meu profundo agradecimento a sua Excelência o Senhor Presidente da República, que não podendo estar presente nesta sessão de abertura por se encontrar

Conselho Nacional de Educação

fora do País, não quis deixar de nos enviar uma mensagem encorajadora para o sucesso dos nossos trabalhos e reveladora, ao mesmo tempo, da preocupação com que o Senhor Presidente da República acompanha as questões da Educação. Esta mensagem vai ser lida pelo Senhor Secretário-Geral do Conselho Nacional de Educação.

Muito Obrigado.

## **MENSAGEM DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

A realização do Seminário "A Educação em Portugal no Horizonte dos Anos 2000", por iniciativa muito oportuna do Conselho Nacional de Educação, constituirá, estou certo, ocasião para um debate vivo, plural e esclarecido sobre um tema vital para o nosso futuro.

Como tenho repetidamente afirmado, a educação, a cultura e a ciência representam um desígnio nacional prioritário, consagrado na Constituição, e uma condição indispensável do nosso desenvolvimento.

Muitos são os desafios que a educação enfrenta. O espantoso avanço científico e tecnológico, as novas concepções pedagógicas e as grandes mutações culturais e sociais exigem actualização permanente e um esforço constante de informação e discussão.

A consciência do muito que está em jogo neste domínio deve obrigar-nos a que mobilizemos meios materiais e recursos humanos para podermos vencer este combate decisivo.

Só uma visão, aberta, prospectiva e humanista dos problemas da educação, liberta dos preconceitos do passado e de pressões economicistas, permite o avanço que temos de fazer para conseguirmos participar activamente na construção da Europa do futuro.

Uma Educação para os Anos 2000 é um lema que deve consubstanciar um programa de reforma e iniciativas de largo alcance.

Este Seminário, pela alta qualidade dos seus participantes e pela actualidade dos temas que vão ser tratados, permite fazer o diagnóstico da situação e a representação de novas ideias e projectos. É disso que precisamos, a bem do progresso de Portugal que se constrói, com espírito inovador e crítico, pensando sobretudo nas novas gerações.

**DISCURSO DE SUA EXCELÊNCIA O SECRETÁRIO DE  
ESTADO DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO**

Exmo.Senhor Presidente do Conselho Nacional de Educação,  
Prof. Doutor Marçal Grilo  
Senhor Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian,  
Dr. Victor Sá Machado  
Senhora representante do Senhor Secretário de Estado do Emprego e  
Formação Profissional,  
Dr<sup>a</sup> Maria Cândida Soares  
Senhor Secretário-Geral do Conselho Nacional de Educação,  
Dr. Emílio Pires  
Senhores Membros do Conselho Nacional de Educação,  
Senhores Participantes e Convidados,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Permitam-me que abra este Seminário de uma forma pouco ortodoxa. Espera-se de um governante um conjunto de respostas e quanto baste de promessas. Eu trouxe-lhes uma pergunta. Irei colocá-la e, em torno dela, tecer uns breves comentários. Com eles terei uma boa oportunidade para recuperar alguma da ortodoxia habitual.

Eis a questão: e se os sistemas educativos, no horizonte dos anos 2000, em Portugal e no mundo desenvolvido, fossem confrontados com o colapso eminente da educação escolar? E se, dito de outro modo,

dentro de uma ou duas décadas, este pesado subsistema social, quase irremediavelmente condenado à evolução na continuidade, visse ruir o seu actual paradigma escolar?

Ensaaiemos alguns comentários. Vamos fazê-lo simultaneamente ancorados no passado - passado é prólogo - e regressados do futuro. Só assim se poderá olhar o horizonte dos anos 2000, de frente e de pé, com liberdade e com esperança.

Para as crianças e adolescentes de hoje, são muito complexos e incertos os dias que passam. Esta complexidade adivinha-se na própria incerteza. Na verdade, não se trata de experimentar a incerteza sobre o que não é nem será certo, o que é próprio do tempo que há-de vir, mas sobre o que deve ser certo, no âmago do que está a vir.

A aldeia global, o mundo das interdependências que nos faz descobrir a cada instante vizinhos, parece consistir no somatório de pequenos mosaicos que compõem um gigantesco painel azul, à escala planetária.

Diante de cada criança e adolescente há um écran gigante constituído por milhares de monitores emitindo milhões de pequenos sinais, apresentando imagens e discursos diversos. Perante esse magma informe, é difícil estabelecer mais do que umas estreitas e, porventura superficiais conexões. A própria velocidade a que circulam essas imagens dificulta a sua percepção, porque perceber será sempre estabelecer relações e, de algum modo, globalizar.

As novas gerações de que falamos são muito simplesmente a primeira geração do audiovisual. Entre outras coisas, isso que dizer: a

partir dos três meses de idade surgem os primeiros estímulos face à televisão; aos seis anos, quando se dão os primeiros passos na educação escolar, a educação mediática já leccionou a cada criança mais de quatro mil horas. Até ao termo da escolaridade obrigatória, dizem-nos os estudos mais recentes sobre o nosso país, a televisão ocupa as crianças e os adolescentes 16 a 18 horas por semana e a escola ocupará entre 25 e 30 horas.

O ecossistema informativo e audiovisual interage profundamente com as crianças e os jovens oferecendo-lhes quase tudo: o próprio e o impróprio, o mundo infantil e o mundo dos adultos, novas noções de espaço e de tempo, percepções inéditas acerca dos recursos, dos homens e da natureza, enfim, uma forma de estar no mundo.

Todavia, vivemos o tempo dos fragmentos e do culto do instante. Consume-se o imediato, saboreia-se o sol de cada ilha onde se está, ouvem-se com nostalgia, às vezes, as histórias de um tempo em que havia visões globalizantes e narrativas utópicas.

De spot em spot, de programa em programa, de notícia em notícia, de opinião em opinião, o audiovisual, sobretudo a dominante TV, educa para a descontinuidade, para a construção discursiva não escolar, para um oceano formado por milhares de pequenas ilhas, todas muito semelhantes entre si e, apesar disso, todas aparentemente indiferentes.

Paradoxalmente - ou talvez não - comunicar é cada vez mais difícil. Não nos referimos, é óbvio, às novas e admiráveis possibilidades introduzidas pelas inovadoras técnicas de comunicação; falamos acerca da capacidade de comunicar o homem na comunicação que se faz, de comunicar a liberdade que cada um de nós transporta em si, no seu

modo irrepetível de ser. Comunicar o que se é e o que se sonha, comunicar para se poder ser. Porque, hão-de concordar, integrar saber formal e não formal, recolher e tratar tais doses de informação, de naturezas diversas, com discursos antagonicamente estruturados, pensar esse informe e ebuliente magma informativo, é uma premissa básica para existir comunicação. Será até um imperativo de sobrevivência. Quem o faz, como, onde, com que resultados?

Se sobre ou sob esta ebulição existirem áreas de estabilidade, conexões científicas, culturais, tecnológicas, elas serão certamente acessíveis apenas a alguns deuses, talvez a alguns raros cientistas do humano e do social, a viver em observatórios instalados em velozes satélites, rodeados de especialistas de todos os ramos, cada um deles desesperadamente confrontado com a imensidade do seu saber especializado.

Ah! Se as novas gerações pudessem ao menos uma vez por mês aprender na escola, desses satélites!

Mas não. Todos os dias abrem as suas portas mais de dez mil escolas para ensinar as novas gerações da sociedade da informação. As mesmas que estarão no início da sua vida adulta no dealbar do próximo milénio.

E que vão elas fazer? Quase exclusivamente receber a herança, o thesaurus. Um thesaurus graduado em disciplinas, bem separadas umas das outras, umas bem à frente, outras bem atrás. Aprender programas ~~prescritos~~, fechados à partida, onde a actualidade não entre. Quando muito, da actualidade entram as novas tecnologias da informação. Mas, os milhares de informações das crianças e dos

adolescentes e os seus dramas de comunicação e de incomunicabilidade lá continuam escondidos, agora por entre carteiras e computadores.

Face à complexidade e à velocidade das mutações, a educação escolar permanece tranquila. Afinal é tudo tão simples: escolas, professores, 50 minutos, disciplinas bem arrumadas e hierarquizadas, tudo bem fechado na sala de aula. Nada mais simples numa sociedade complexa, nada tão independente numa sociedade tão interdependente, nada tão fechado numa sociedade tão aberta.

Só um elemento mudou, mas talvez tenha pouca importância: os alunos, as crianças. Têm seis anos, mas já não são dos anos sessenta. Têm dez anos e já são dos anos 80, os primogénitos do audiovisual.

Mas atenção: a regressão na educação escolar aí está. Os indicadores mais recentes evidenciam que o abandono escolar volta a crescer nos países mais desenvolvidos, é que a educação escolar é cada vez mais requerida para o espaço familiar e doméstico.

No fim do segundo milénio, será que os ainda historicamente recentes sistemas educativos se aproximam de um esgotamento? Estaremos perto do fim de um paradigma escolar? Estaremos interessados e aptos a desenvolver outras respostas sociais educativas e escolares?

Os meus comentários já vão longos. Vou, por isso, ensaiar uma saída o que, convenhamos, não é fácil diante de tantas oportunidades entreabertas.

No horizonte dos anos 2000, a actual reforma do sistema educativo (1986-1996) representa apenas um primeiro e importante passo de uma vaga de fundo a que teremos que fazer face.

Como não sou daqueles que ficam à espera da escola que não existe, uns criticando a escola que existe e a ausência de políticas inovadoras, outros criticando as políticas inovadoras porque são para uma escola que não existe, deposito neste Seminário três linhas de força, entre outras possíveis, eventualmente estruturantes de novas vagas reformadoras.

1. Só com respostas educativas e escolares mais complexas se poderão equacionar a complexidade e a incerteza que nos rodeiam. Talvez este seja um caminho para devolver identidade social às escolas. Para tal será necessário cruzar herança e actualidade, saber disciplinar e prescrito e saber informal e aberto, entrelaçar tecnologia e filosofia, formação geral e formação especializada, integrar saberes e não excluí-los, valorizar culturas e expressões, combinar as pessoas que são e os problemas que existem com o saber constituído e herdado.

2. Não deveremos continuar a insularizar a educação escolar na escola, a insularizar a escola nas disciplinas, a insularizar as disciplinas nas salas de aula e nos cinquenta minutos.

Ilhéus somos todos nós, particularmente as novas gerações, mais desorientadas, sem referenciais estáveis, cada vez mais incomunicantes no espaço escolar.

É urgente abrir a educação escolar às várias expressões, aos vários saberes existentes. Já se perceberá melhor porque é que tem sido tão

difícil e porque é que é tão urgente, desenvolver a nova área-escola, oportunidade excelente de integração de saberes?

3. É um imperativo social e ético dos novos tempos quebrar o mito da neutralidade da educação. Se saber e saber-fazer são missão consagrada da educação escolar, saber situar-se é uma competência polifacetada cuja promoção não se pode continuar a desprezar, sob pena de se estar a recusar o essencial.

Os cidadãos mais novos, que em cada dia experimentam as teias do mundo complexo em que vivemos, diante de uma sociedade que já não oferece um emprego certo, nem ainda menos garante uma profissão estável e duradoura, consumindo doses insuspeitas de "produtos imateriais", estes cidadãos querem tão-só ter o direito a viver com mais equilíbrio consigo próprios, pensar o mundo que os cerca, compreender a natureza e ousar construir espaços de bem-estar e relações de bem-ser.

Diga-se, entretanto, que o nosso sistema educativo está pleno de pequenos sinais de uma escola que temos de construir. A inovação em cada escola vai vencendo muitas dificuldades e desbravando caminhos, o que nos alimenta a todos a esperança de mais e, sobretudo, de melhor educação.

Portugal, educação no horizonte do sec. XXI: rente ao sonho é que vamos.

Desejo a todos um bom trabalho e muito obrigado pela vossa atenção.

